

Ednalva Gutierrez Rodrigues

Doutora em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo

Carlos Eduardo Soares De Barros Guss

Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação Mestrado
Profissional em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo

Maria Auxiliadora Alves Barcelos

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação Mestrado
Profissional em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este artigo é um desdobramento da pesquisa *Currículo e prática pedagógica na educação de surdos* da linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE). Neste artigo, apresentamos os dados iniciais de duas pesquisas em andamento que têm como escopo investigar a criação e o uso de materiais digitais/audiovisuais na alfabetização de crianças surdas. Para subsídio teórico, nos apoiamos na concepção bakhtiniana de linguagem, que considera o ensino da língua, tendo o texto como ponto de partida e como ponto de chegada (GERALDI, 1991). Coerentes com essa opção teórica, adotamos, como metodologia a pesquisa de natureza qualitativa.

Palavras-chave: Crianças surdas Alfabetização. Audiovisual.



Abstract:

Aiming to extend our research about the "Curriculum and Pedagogical Practice in the Education of Deaf Individuals" as part of the research line "Educational Practices, Diversity, and School Inclusion" from the Professional Master's Program in Education (PPGMPE), we present the initial data from two ongoing studies that have been investigating the creation and use of digital/audiovisual materials in the literacy of deaf children. For theoretical support, we rely on the Bakhtinian conception of language, which considers the text as both the start and the end points of language teaching (GERALDI, 1991). Consistent with this theoretical choice, we also adopt a qualitative research methodology.

Keywords: Deaf children. Literacy. Audiovisual.

1 Introdução

Este artigo é um desdobramento da pesquisa *Currículo e prática pedagógica na educação de surdos* e tem como um dos objetivos investigar a criação e o uso de materiais digitais/audiovisuais na alfabetização de crianças surdas.

A proposta em tela, inicia um grupo de trabalho da linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar do Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) que tem como escopo a formação do professor da educação básica com vistas à busca de soluções para problemas que afetam a educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos e se constitui como mais um elo nessa cadeia discursiva, a saber, a alfabetização de crianças surdas.

Para subsídio teórico, nos apoiamos na concepção bakhtiniana de linguagem, que considera o ensino da língua, tendo o texto como ponto de partida e como ponto de chegada (GERALDI, 1991). Assim, discutir o trabalho com textos na alfabetização é muito importante porque supera a antiga organização, fundamentada exclusivamente no ensino-aprendizagem de letras, conjunto de letras, palavras e frases descontextualizadas, por meio da repetição



e memorização dessas unidades. Se o que constitui os textos são os discursos proferidos pelos sujeitos, nos interessa ampliar a discussão sobre os textos digitais, amplamente difundidos na sociedade moderna, e de que forma as crianças surdas, em processo de aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita, podem se beneficiar desse novo gênero discursivo.

Coerentes com essa opção teórica, adotamos, como metodologia a pesquisa de natureza qualitativa que se caracteriza, de acordo com Moreira e Caleffe (2006, p.73), por explorar “[...] as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”. Dessa forma, temos condições de observar as ações dos sujeitos situados em determinado tempo e espaço, bem como suas interações com o outro e com o mundo que os cerca. Em nosso caso, nos interessa a atividade realizada por crianças surdas em momentos de atividade com o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita.

Sabemos que a educação se apresenta como uma condição básica para o desenvolvimento humano e que a mesma interfere na sua qualidade de vida. Para isso, trazemos a escola como espaço privilegiado nesse contexto e defendemos a necessidade de que a escola crie condições objetivas para produção de conhecimentos a partir dos quais a criança surda possa se constituir como sujeito de linguagem. No contexto atual, uma escola que trabalha numa visão homogênea, verá recrudescer os problemas decorrentes da heterogeneidade de uma sociedade diversa pois, se desconsiderar os valores culturais, as condições sócio-econômicas, as formas variadas de aprendizagens e as deficiências múltiplas, não conseguirá atingir objetivos supostamente traçados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, estabelece que, “[...] a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, art. 22). É preciso que tais afirmações se tornem ações concretas e que realmente exerçam alguma influência na comunidade escolar, fornecendo, então, um ambiente propício para que o aprendizado de fato ocorra. Ainda de acordo com a LDB (BRASIL, 1996), em



relação à Educação Especial: “Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.” Diante do exposto, podemos perceber que a LDB estabelece a oferta do ensino igualitário e de qualidade a todos os alunos sem distinção e isso se aplica inclusive, aos alunos com deficiência.

No que diz respeito à Educação Bilíngue de Surdos, uma nova resolução, incluída pela Lei nº 14.191, de 2021, no capítulo V-A, complementa em seu parágrafo 1º: “Haverá, quando necessário, serviços de apoio educacional especializado, como o atendimento educacional especializado bilíngue, para atender às especificidades linguísticas dos estudantes surdos” (BRASIL, 2021). Para tanto, é importante ressaltar que a escola desenvolva práticas pedagógicas inclusivas, constituindo-se como espaço favorável à igualdade de oportunidades da completa participação de todos, sem distinção.

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

Nesse cenário, é importante compreender que metodologias e materiais devem ser adotados, considerando que a escolarização do estudante surdo, tem como pressuposto legal o direito ao uso da língua de sinais que se caracteriza, principalmente, pela sua visualidade.

Com o propósito de avançar nessa reflexão, esse artigo apresenta uma breve revisão de literatura de duas pesquisas em andamento. A revisão de literatura é parte fundamental em uma investigação acadêmica, pois auxilia o pesquisador a focar e melhorar o problema de pesquisa. Esse tipo de investigação auxilia na identificação de linhas de estudo na área de interesse do pesquisador. Com base em Moreira e Caleffe

Todo trabalho de pesquisa exige uma revisão de literatura relacionada com o que já foi produzido na área. Na verdade, a revisão da literatura



é parte central de qualquer estudo, pois ela demonstra a familiaridade do pesquisador com a literatura contemporânea e sua capacidade de avaliar criticamente as pesquisas já realizadas. (2008, p. 27).

Dessa forma, no segundo capítulo dialogamos com outras pesquisas que tem como foco analisar a alfabetização da criança surda e o uso das tecnologias digitais nesse processo. De modo geral, percebemos que a discussão das novas linguagens já tem produzido interesse por parte dos pesquisadores que investigam a educação bilíngue de surdos. É nesse viés que nos inserimos, enquanto linha de pesquisa do mestrado profissional.

2 Dialogando com outras pesquisas

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2006, p.279).

Conforme expõe a epígrafe, toda obra é um elo na cadeia enunciativa. Nossas vozes estão, sempre a responder e a provocar o diálogo com outras vozes num movimento discursivo ininterrupto de sujeitos situados social e historicamente, Assim, a fim de potencializar os estudos iniciais sobre a educação bilíngue de surdos, da linha de pesquisa do mestrado profissional, consideraremos, para os limites desse artigo, que os textos elencados para a revisão de literatura das duas pesquisas em andamento, podem colaborar com as análises futuras dos dados que serão produzidos.

2.1 Alfabetização em libras: o ensino da língua portuguesa para surdos

Vivemos em um mundo imerso em uma nova forma de comunicação. Para além da comunicação analógica, o mundo digital faz parte de nossas vidas, especialmente entre as crianças. Embora o interesse pelo uso das novas tecnologias na educação tenha alcançado grande vulto, principalmente após a pandemia da Covid 19, faltam, ainda pesquisas que investiguem o uso de tecnologias digitais para a alfabetização de crianças surdas e que tomem o texto como unidade de ensino da leitura e escrita. Apresentaremos, a seguir, o diálogo



inicial com autores que discutem a temática da pesquisa intitulada *Alfabetização em libras: o ensino da língua portuguesa para surdos*.

O primeiro artigo, intitulado *O processo de alfabetização e letramento da criança surda em L2 numa perspectiva inclusiva*, das autoras Klein e Krause (2014), teve como objetivo considerar sobre o que é mais apropriado numa perspectiva inclusiva diante do aluno surdo no período de alfabetização e letramento da língua portuguesa escrita, considerando que essa (L2) é a segunda língua da comunidade surda brasileira.

A estratégia metodológica utilizada pelas pesquisadoras do artigo foi a pesquisa bibliográfica, fundamentada em Gil (2002), de referências que versam sobre a temática alfabetização e letramento para surdos, foram interpelados alguns delineamentos da experiência de pesquisa vivido por uma das autoras, professora do 2º ano do ensino fundamental, quando realizou seus estudos a inserção da aluna surda na escola regular no processo de formação numa visão bilíngue.

Segundo Klein e Krause (2014), o período de alfabetização é de fundamental importância na vida escolar dos alunos, nessa fase é essencial um olhar atento para que o momento de aprendizagem não seja uma imitação de reproduções, dessa forma, as autoras nos chama atenção sobre a falta de estratégias metodológicas que atente para a particularidade da surdez, considerando que a apropriação de ambas as modalidades linguísticas ocorrem simultaneamente no processo inicial de transmissão da escrita para o discente surdo e na maior parte dos casos, utiliza-se nas escolas metodologias baseadas nos treinamentos com sons, desconsiderando as particularidades da libras como língua visual gestual para elaborar conceitos complexos, exprimir sentimentos, gostos e associar significados ao valor das palavras. Conforme as autoras:

“O surdo utiliza a língua de sinais para se comunicar, significar e compreender o meio em que vive; na ausência da audição, a visão e os sinais constituem uma língua diferente da falada oralmente, ou seja, o som não é o fator de maior relevância nem pode ser a estratégia para alfabetizar crianças surdas.” (Klein; Krause, 2014, p. 2).

Todavia, a Língua de Sinais (L1), modalidade gestual-visual, que se exprime através da combinação de sinais e expressões faciais é para o surdo o que a Língua Portuguesa (L2), oral e escrita é para o ouvinte. Diante do exposto



pelas autoras, é perceptível que no processo de aquisição da leitura e escrita da criança surda na modalidade L2, os sinais em libras são fatores determinantes e indissociáveis no processo ensino- aprendizagem. Conforme Bakhtin (2006, p. 261)

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem (...). O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Como referencial teórico, as autoras se baseiam na concepção do bilinguismo conforme afirma Quadros (2006), segundo a autora, uma educação bilíngue se configura na coexistência de duas línguas, no caso da pessoa não ouvinte, ocorre o envolvimento da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. Ainda conforme a autora

Ao optar em oferecer uma educação bilíngüe, a escola está assumindo uma política lingüística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares (QUADROS, 2006, p. 18).

Para a autora, a escola necessita organizar seus espaços, estratégias e métodos de modo que, o acesso às línguas existentes em seu contexto sejam acessíveis aos seus usuários, pois é através da experiência e interação entre os alunos surdos que ocorre a apropriação da língua de sinais. Ainda segundo Quadros, quanto mais cedo o surdo tiver acesso à sua língua, melhor será a sua evolução, “As crianças com acesso a língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances.” (QUADROS, 2006, p. 20).

O espaço escolar transfigura-se num terreno fértil e fundamental para o aprendizado da criança surda, principalmente para o Surdo que não tem o convívio com a sua língua em casa, pois seus primeiros contatos serão com seus professores bilíngues. Sobre a ampliação do repertório da língua de sinais por parte da criança surda, Klein e Krause (2014, p. 7) complementam



Proporcionar a relação com outros surdos, a interação social e a aprendizagem pelas relações com os outros através da relação com o social e a importância da escrita para a inclusão social e a interação com o mundo são algumas das proposições básicas precisam nortear a prática de alfabetização e letramento em classes com alunos surdos incluídos.

Conforme podemos perceber, as autoras enfatizam a comunicação como ação potencializadora no processo ensino aprendizagem nas classes com alunos surdos, visto que o contato com o outro e com o mundo que o cerca resulta na apropriação de novos conhecimentos e conseqüentemente, no desenvolvimento e emancipação do sujeito surdo.

As pesquisadoras afirmam que mesmo diante das lutas e conquistas do povo surdo, das propostas inclusivas que são desenvolvidas nas instituições de ensino e diante de leis que amparam o processo escolar da criança surda, a escola ainda demonstra fragilidades na garantia de um ensino de qualidade aos alunos não ouvintes. Elas sugerem uma escolarização com professores bilíngües ou ao menos a presença do profissional intérprete de libras no contexto escolar para que as duas língüas estejam presentes no cotidiano dos sujeitos que estão inseridos no processo ensino aprendizagem, de modo que a crianças surda tenha condições de se apropriar da leitura e escrita na segunda língua de forma significativa.

Diante do exposto, as autoras afirmam que independente das diferenças, toda criança tem direito ao acesso de uma educação com qualidade, ainda conforme as autoras, a escrita está atrelada à cultura e historicidade do sujeito, sua história social e esse processo de aquisição da língua precisa ser significativo e prazeroso tanto para a criança ouvinte e não ouvinte.

Embora esse artigo não tenha como escopo a reflexão sobre a utilização da mídia digital na alfabetização de crianças surdas, vemos a pertinência de sua análise na medida em que reafirma a necessidade de se considerar questões culturais e identitárias da criança surda ao reconhecer que a educação bilíngües deve ser respeitada. A defesa pelo uso da língua de sinais, como língua de instrução em todo processo educativo da criança surda deve ser um pressuposto, inclusive para a produção de materiais digitais.

O segundo artigo intitulado *Jogos analógicos e digitais como ferramentas lúdicas na ambientação e no ensino de estudantes surdos no ensino regular, dos*



autores Lopes e Santos (2019) evidenciam em suas análises como os jogos analógicos e digitais podem contribuir tanto no exercício de ambientação e ensino de estudantes surdos. Eles observam que embora a Educação Especial e Inclusiva tenha respaldo em documentos oficiais, ainda encontramos falhas quanto à formação inicial e continuada de professores diante do processo ensino-aprendizagem da criança surda nas escolas regulares. Os autores nos chamam a atenção sobre a magnitude do respeito à Cultura Surda e entendimento do funcionamento da Libras, pois segundo eles, a língua materna do discente surdo deve ser a base didática na classe, tal como a aplicabilidade de recursos didáticos pedagógicos que potencializam a ambientação, a interação e conseqüentemente, uma inclusão que respeite as reais necessidades de um (a) aluno (a) surdo (a). Conforme Bakhtin (2003, p. 265):

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as particularidades das diversidades de gênero de discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional.

Desse modo, podemos perceber em Bakhtin que os gêneros do discurso são indissociáveis das condições específicas e das finalidades de cada esfera da sociedade. O enunciado, sendo uma prática social, estabelece a comunicação de forma concreta, é através da linguagem que os sujeitos interagem com os seus pares e atuam de forma ativa na sociedade em que está inserido. Daí a relevância da aplicabilidade de estratégias e recursos pedagógicos que contemplem as necessidades do indivíduo surdo no processo ensino- aprendizagem.

Conforme Lopes e Santos (2019, p. 177), atualmente a sociedade vivencia as demandas do mundo digital, e a instituição de ensino caminha de forma desarticulada a essa realidade. Para as autoras, “Inserido nesse contexto de disputas políticas, econômicas, sociais e culturais estão as dificuldades enfrentadas pelos partícipes do espaço escolar para o desdobramento de um processo de ensino-aprendizagem significativo e contextualizado”. Diante do exposto, os pesquisadores buscam analisar de que forma as pesquisas



demonstram a adoção de jogos pedagógicos como aportes no processo de ambientação e interação do surdo no espaço regular de ensino, seus estudos baseiam-se em dois modelos de intervenções pedagógicas que podem contribuir no processo ensino-aprendizagem da criança surda: os jogos analógicos e digitais.

Para a coleta de dados, foi utilizada uma pesquisa qualitativa de cunho empírico e exploratório fundamentada nos pressupostos teóricos de Denzin e Lincoln (2006) e Flick (2009). A partir desses autores, foi realizada uma revisão de literatura, além da adoção dos pressupostos de Behar (2009), com base em descrições e análises de pesquisas acadêmicas que apontam o uso dos jogos analógicos e digitais como ferramentas pedagógicas nos ambientes escolares que possuem alunos surdos. Em seus estudos, Lopes e Santos (2019) nos convidam a refletir acerca da articulação entre as possibilidades de adoção de jogos analógicos e digitais, com os processos de ambientação e ensino de estudantes surdos.

Como fundamentação teórica, foram utilizados quatro referenciais básicos, Huizinga (2000); Rodrigues (2017); Perlin e Strobel (2008) e Silva (2016), pautando-se em três pilares temáticos ligados à importância do jogo como ferramenta de ensino à prática da inclusão de estudantes surdos na educação regular, além dos pressupostos entre a ludicidade e a educação de surdos.

Lopes e Santos (2019) trazem para a discussão autores como Huizinga (2000) que descreve em seu livro *Homo Ludens* as inúmeras possibilidades educacionais, culturais e sociais com a utilização dos jogos digitais e analógicos e enfatiza que a prática com os jogos proporciona experiências individuais e coletivas nos diferentes campos linguísticos. Já Perlin e Strobel (2008) afirmam a importância do estímulo à experimentação, ludicidade e da tecnologia digital no processo ensino-aprendizagem, pois esses recursos metodológicos proporcionam a construção de elos significativos entre alunos ouvintes e surdos.

Para Bakhtin (2003, p. 272), “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Assim, é possível perceber a relevância do pesquisador em trazer para a discussão de sua pesquisa



embasamentos teóricos que fundamentam o seu objeto de estudo, pois todo enunciado concreto se encontra em constante diálogo com outros já produzidos.

A pesquisa realizada por Lopes e Santos (2019) totalizou um corpus final de 54 trabalhos acadêmicos, entretanto, não constatou nenhuma tese dentre as produções encontradas. Conforme os autores

(...) ao longo da seleção do corpus não foi identificada nenhuma tese de doutorado que configure como uma produção articulada com o objeto de investigação do presente estudo. Essa situação aponta para a necessidade de pesquisas derivadas que possam se aprofundar, por exemplo, nos repositórios acadêmicos de Instituições de Ensino Superior (IES), focando assim em mais trabalhos vinculados diretamente aos cursos de Pós-Graduações Stricto Sensu (LOPES; SANTOS, 2019, p. 181).

Segundo os dados apontados na referente pesquisa dos 54 trabalhos investigados, 30 relatam experiências no processo ensino- aprendizagem com o uso de jogos analógicos e 24 deles apontam experiências práticas e teóricas na adoção de jogos digitais nos espaços formativos da escola, ambos com a presença de estudantes surdos. Ainda em conformidade com os autores, “Mesmo se tratando de uma diferença pequena, o resultado contraria a tendência contemporânea vinculada ao incentivo cada vez maior de jogos eletrônicos nos ambientes de ensino (LOPES; SANTOS, 2019, p. 182)”. Esses dados demonstram que ainda são escassas pesquisas que fomentam a ambientação e o uso de jogos digitais e analógicos em espaços da escola regular com a presença de estudantes surdos.

Conforme exposto acima, podemos notar que são muitas as dificuldades encontradas quanto à implementação de jogos analógicos e digitais nos espaços formativos da escola onde surdos e ouvintes compartilham desse mesmo ambiente. Contudo, mesmo diante das limitações encontradas em 24 dos trabalhos apresentados que foram utilizados como base norteadora da pesquisa em questão, foi possível perceber algumas práticas realizadas por educadores que contemplam o uso de jogos para ambos os públicos. Eles identificaram 13 trabalhos acadêmicos articulados com o objeto de pesquisa com abordagem voltada para os Serious Games, em conformidade com os autores, “[] tais jogos digitais não são direcionados necessariamente ao entretenimento, mas se utilizam do mesmo (para cativar os usuários/estudantes) em prol de metas



ligadas à obtenção de competências nos mais variados campos do saber” (LOPES, SANTOS, 2019, p. 181).

Na visão dos autores, esse tipo de jogo poderia ser adaptado e utilizado por professores como ferramentas potencializadoras de suas práticas pedagógicas de modo que atendam as necessidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, é imprescindível que o professor assuma algumas estratégias inovadoras a partir de uma reflexão que busca a inclusão e um ensino de qualidade para todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

2.2 O papel do professor surdo na produção de vídeo em libras

A pesquisa intitulada *O papel do professor surdo na produção de vídeo em libras*, parte dos seguintes questionamento: Qual o papel do professor surdo na produção dos vídeos em Libras? Qual formação o professor surdo deve ter ou aprimorar para produzir os conteúdos de vídeos em Libras? Portanto, esta pesquisa busca discutir o ensino e aprendizagem da língua portuguesa escrita dos alunos surdos do ensino fundamental utilizando como recursos materiais, o vídeo. Na literatura acadêmica, já encontramos algumas pesquisas que investigam o uso e a produção audiovisual por sujeitos surdos e que podem nos ajudar a pensar a convergência dessa produção e a alfabetização de crianças e jovens surdos.

O primeiro artigo, intitulado *O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual*, da autoria de Silva (2018), tem como objetivo fazer uma reflexão sobre os conteúdos audiovisuais produzido pela TV INES. Utiliza a pesquisa-ação como metodologia e propõe a realização de visitas técnicas e entrevistas, compostas por tópicos previamente elaborados, mas deixando os entrevistados livres para falar sobre o tema. Adota como referencial teórico os Estudos culturais fundamentados em Gesser (2009), Strobel (2009) e Quadros (2004) no campo da cultura e identidade surda e Fischer (2006), e Matias (2014) no campo da produção audiovisual, como a televisão.

As autoras mostram que a televisão é uma mídia que tem um papel social, cultural e político relevantes. Por meio dela é possível produzir vídeos para a maioria ouvinte, já que assim como o rádio, mídia TV, jornal impresso e entres



outros a informação, a cultura e língua, são acessíveis pelo canal auditivo. Mas o surdo não é igual, pois usa a língua brasileira de sinais – Libras. Por isso, é necessária uma comunicação mais acessível, por exemplo com o recurso do Closed Caption. Mesmo assim, a compreensão da língua portuguesa é limitada pelo surdo já que não é sua língua materna. É importante a inclusão nos meios de comunicação pois o surdo é cidadão que precisa buscar e ter a cultura surda valorizada, assim como os ouvintes. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que dispõe sobre o direito de inclusão das pessoas com deficiência, garante a presença do intérprete de Libras como recurso de acessibilidade. Porém, ainda não é comum vermos a tradução e interpretação na mídia brasileira.

Nesse contexto, a TV INES desenvolveu conteúdos acessíveis para o surdo usar em Língua Brasileira de Sinais, ampliando o desafio da informação e comunicação do país. Analisar as possibilidades de comunicação para a mídia e para a comunidade surda significa, também valorizar a língua e a cultura, pois, o surdo não é fluente na Língua Portuguesa e nem todos fazem a leitura labial. Assim, por não ter acesso visual a tecnologia se torna inacessível nos meios de comunicação.

Nesse cenário, investigar o protagonista surdo na produção de material proposto para mídia se torna imprescindível para caracterizar a língua de sinais e a cultura surda. O conceito de protagonismo, nesse trabalho, se refere ao papel que a pessoa surda desempenha “[] na elaboração e produção de conteúdo para o canal na Web” (SILVA, 2018, p. 99). Além disso, também é importante a construção de um canal de TV com programação acessível para a comunidade surda e também a ouvinte..

A pesquisa conclui que a Língua e cultura estão sempre juntos. A TV Ines surge como mais uma ferramenta capaz de auxiliar na construção de identidade para comunidade surda, já que os surdos não apenas serão consumidores, mas, também produtores. É nesse ambiente onde o protagonismo surdo será efetivo na elaboração e análise de conteúdos; como intérprete ou mediador de programa, divulgando para a comunidade brasileira que o surdo pode dominar recurso técnicos e a linguagem da televisão.

Este trabalho foi um dos primeiros a discutir na área da comunicação acessível a importância de uma TV bilíngue no Brasil. Nossa pesquisa se insere



nessa corrente discursiva ao investigar o papel do surdo na criação e produção de material acessível para a escolarização de crianças surdas valorizando a Língua Brasileira de Sinais, bem como da cultura surda.

O segundo artigo, intitulado, *Audiovisual produzido por jovens surdos: um roteiro de inclusão e acessibilidade* (GUTIERREZ, 2018), teve objetivo investigar a produção audiovisual de alunos surdos na perspectiva da educação para as mídias. Para isto, analisou o telejornal *O surdo* criado pelos participantes da pesquisa, de Mestrado, realizada no programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (2009). Utilizou a pesquisa-ação como metodologia e propôs uma oficina de linguagem audiovisual como espaço para produção de dados. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Taguatinga, cidade do Distrito Federal, para sete alunos do ensino médio.

Como Referencial teórico, fundamentou-se em BELLONI (2009), que trata do que é mídia-educação, GOONET (2004) que discute a interface entre Educação e mídia, HALL (2006) que aborda identidade cultural na pós-modernidade e PERLIN (2004), que aprofunda a questão da Cultura Surda.

A autora afirma que, historicamente os surdos foram excluídos do processo de produção audiovisual, sendo um espaço ocupado por ouvintes, majoritariamente e que, é necessário incluir os surdos neste campo discurso e de criação. O audiovisual tem característica visual importante, que pode ser apropriado como linguagem, na Educação de surdos.

O artigo aponta que são poucas produções acadêmicas sobre o tema relacionado à participação de surdos. Segundo a autora, é preciso ampliar a presença de surdos na produção e criação das novas linguagens. Gutierrez (2018) considerou o avanço na área da acessibilidade de informação e comunicação, garantido pela Lei nº 10.098/2000 e por meio do decreto-lei nº5296/2005, que obriga o uso da janela em língua brasileira de sinais (Libras) ou legenda em português em material audiovisual, como um passo significativo de inclusão.

No entanto, a autora argumentou que, ainda que esta acessibilidade seja relevante para os surdos, é preciso reconhecer a dificuldade que eles têm com a leitura de textos em língua Portuguesa, uma vez que o português é a segunda



língua dos surdos. Também, que a acessibilidade com legenda e com a janela de interpretação são recursos disponíveis para surdos, mas não são formas de participação destes sujeitos na criação.

Faz-se necessário que as políticas de formação sobre educação audiovisual possam fazer parte da Educação Bilíngue de surdos, pelo viés da visualidade e do protagonismo surdo.

Alguns aspectos relevantes da criação dos participantes, o Telejornal O surdo, indicaram a importância de inserir surdos na Educação audiovisual. O produto final evidenciou um espaço de sinalização maior que a janelinha em Libras. As apresentadoras ocuparam a tela inteira do vídeo. Os participantes decidiram que o telejornal deveria ter legenda e áudio, considerando a acessibilidade para ouvintes, uma perspectiva alteritária no processo de tomada de decisões. Ao exercerem as funções de direção, roteiro e produção, os estudantes surdos evidenciaram que, se as condições de produção forem dadas, de forma a se apropriarem dos conhecimentos deste campo, eles são capazes de criar e produzir.

Como resultado, a autora conclui que a educação audiovisual se mostrou um poderoso dispositivo de enunciado para jovens surdos. Defendeu a visualidade como principal elemento na produção dos participantes. Ainda, mesmo que a visualidade tenha se mostrado como principal característica compartilhada, o som, que chega pela vibração, foi escolhido pelos participantes para integrar a produção.

3 Considerações finais

A partir dessa breve revisão de literatura, inferimos que a atual legislação já tem produzido vários movimentos importantes na educação de surdos. Aliado ao avanço legal, observamos que as linguagens contemporâneas têm atravessado a vida dos sujeitos surdos, especialmente por se tratar de uma ferramenta visual, mediada, principalmente pelos equipamentos como celular, tablet e outros. Nesse contexto, torna-se urgente investigar novas metodologias e novos materiais coerentes com esse avanço tecnológico. Então, nossa tarefa será a de compreender como se dá a alfabetização da criança surda nesse contexto.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 2006; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003- (Coleção biblioteca universal)

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 12ª Edição, 2006 - HUCITEC

Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo, p.183.

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos na educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, p. 33-65, 2009.

BELLONI, Maria. Luiza. **O que é mídia-educação?** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. **A educação dos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, Secretaria de Educação Especial, v. II. Série Atualidades Pedagógicas, n. 4, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 04 de agosto de 2021. p. 1. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>>. Acesso em: 15 set. 2022.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.



FISCHER, Rosa M. Bueno. **Televisão e educação**: Fruir e pensar a TV. 3.ed. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GUTIERREZ, Ericler Oliveira. **Audiovisual produzido por jovens surdos**: um roteiro de inclusão e acessibilidade. In: Revista Educação Especial, v. 32, e42, 2019. p.1-17. Disponível em: <doi:https://doi.org/10.5902/1984686X30794>.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KLEIN, Alessandra Franzen; KRAUSE, Keli. **O processo de alfabetização e letramento da criança surda em L2 numa perspectiva inclusiva**. X Seminário Internacional de Alfabetização: Rio Grande do Sul (...), 2014.

LOPES, David Santana; SANTOS, David Kaique Rodrigues dos. **Jogos analógicos e digitais como ferramentas lúdicas na ambientação e no ensino de estudantes surdos no ensino regular**. Revista Encantar, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 174–201, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8000>. Acesso em: 13 dez. 2023.



MATIAS, Nilza Eline Munguba. **Ativismo e protagonismo social na busca da efetivação**

dos direitos dos surdos - a eficácia da legislação brasileira na garantia dos direitos dos

surdos. 2014. Disponível em: <[https://jus.com.br/artigos/30488/ativismo-e-protagonismo-](https://jus.com.br/artigos/30488/ativismo-e-protagonismo-social-na-busca-da-efetivacao-dos-direitos-dos-surdos/)

[social-na-busca-da-efetivacao-dos-direitos-dos-surdos/](https://jus.com.br/artigos/30488/ativismo-e-protagonismo-social-na-busca-da-efetivacao-dos-direitos-dos-surdos/)> Acesso em: 5 maio 2018

MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p.27.

PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. S. ; LOPES, M. C. (Org.).

A

invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.

Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e**

língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à

Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf)

[br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf)> Acesso em: 15 jun 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt Brasília : MEC, SEESP, 2006, p.120.



RODRIGUES, C. **A Sala de Aula de Surdos Como Espaço Inclusivo:** pensando o outro da educação atual. In: Almeida, Wolney Gomes (Org.). Educação de surdos: formação, estratégica e prática docente. Ilhéus (Bahia): SciELO Books, 2017. p. 113-136.

RODRIGUES, Patrícia Rocha; ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Criar e compartilhar games:** novas possibilidades de letramento digital para crianças surdas. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 12, n. 2, dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 11 jul. 2019.

SILVA, Valquíria da Conceição. **A Importância do Lúdico para o Ensino Aprendizagem de Alunos Surdos.** Revista SOMMA, v. 2, n. 2, p. 47-57, jul./dez. 2016. Disponível em: . Acesso em: 16 jul. 2019.

SILVA, Yéssica Lopes Da. **TV INES:** O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua. 2018. p. 107. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Pelotas, Pós-Graduação em Letras. 2018.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

